

Era uma vez... um pedacinho do Tejo

Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Ciências físico-químicas – 8º ano
Beatriz, Tiago, Mariana, Pedro, Maria Inês

Moramos numa vila de Portugal que se chama **Azambuja**, no Ribatejo.

Crescemos a ouvir os nossos avós e pais contarem histórias orgulhosas de campinos (homens de coragem que desempenham a sua profissão com paixão), de touros (nobres animais responsáveis pela cultura tauromáquica profundamente enraizada pelo povo da vila) e do trabalho agrícola que se fazia nas terras da **LEZÍRIA do TEJO** que, segundo todos dizem, eram as melhores do país.



O RIO TEJO fez sempre parte integrante das suas vidas. A vida era dura, o trabalho árduo, a pele marcada pelo frio e os braços doridos de tanta rede lançar ao RIO na esperança de recolher...“o pão de cada dia”.

Os tempos mudaram e a nossa realidade é outra. Melhor? Diferente.

Noutros tempos, trabalharíamos no campo com a nossa família, apesar de termos todos cerca de 12 anos de idade. Hoje em dia andamos na escola, o que nos faz ter responsabilidades diferentes perante os outros e o mundo.

É por esse motivo que queremos contar esta história.

Não é a história de um grande RIO mas apenas de um pedacinho do Tejo (A Vala Real) de que nós gostamos muito porque é muito bonito, porque banha a nossa vila, porque está carregado de histórias antigas e porque ... os adultos parece que não lhe dão a importância que deve ter.

Era uma vez...



10 7:43

... a Vala Real

O RIO TEJO corre apenas a três quilómetros da vila de Azambuja, estando ligado à vila pela chamada Vala Real de Azambuja, um canal de 26 quilómetros de extensão, paralelo ao RIO.

A Vala Real foi mandada construir em 1748 pelo Marquês de Pombal para enxugo dos campos desde Santarém a Azambuja. As obras começaram no reinado de D. José e foram concluídas no reinado de D. Maria I.

É navegável numa extensão de aproximadamente 17 km, noutros tempos por barcos de 30/35 toneladas (fragatas e barcos varinos), que faziam o escoamento dos produtos agrícolas da região e transportavam pessoas, hoje somente por pequenas embarcações.



A scenic view of a river with a stone pier in the foreground and lush greenery on the banks. The water is calm and reflects the surrounding trees. The sky is clear and blue. The overall atmosphere is peaceful and natural.

Junto à margem foi construído o Palácio das Obras Novas, que chegou a albergar o Rei D. Carlos e o príncipe Luís Filipe durante as visitas que faziam à região.

É um edifício dos finais do século XVIII, princípio do XIX, que funcionou como posto de controlo do tráfego de embarcações, de pessoas e de mercadorias, que transitavam através da Vala Real.

O **Palácio das Obras Novas**, também conhecido por Palácio da Rainha, tem uma arquitectura neo-clássica, tendo sido mandado construir pela Rainha D. Maria I.



O “Palácio”, como é conhecido na região, funcionou como Estalagem e Mala-posta. Quem ia para o Norte, saindo de Lisboa, ia de barco até aí, onde pernoitava. De manhã, no dia seguinte, seguia de diligência para o Norte. O local e a função são mencionados por Almeida Garrett nas “Viagens na minha terra”.





Para chegarmos ao “Palácio”, por terra, passamos por uma impressionante alameda de palmeiras que dão ao lugar um ar distinto e importante.

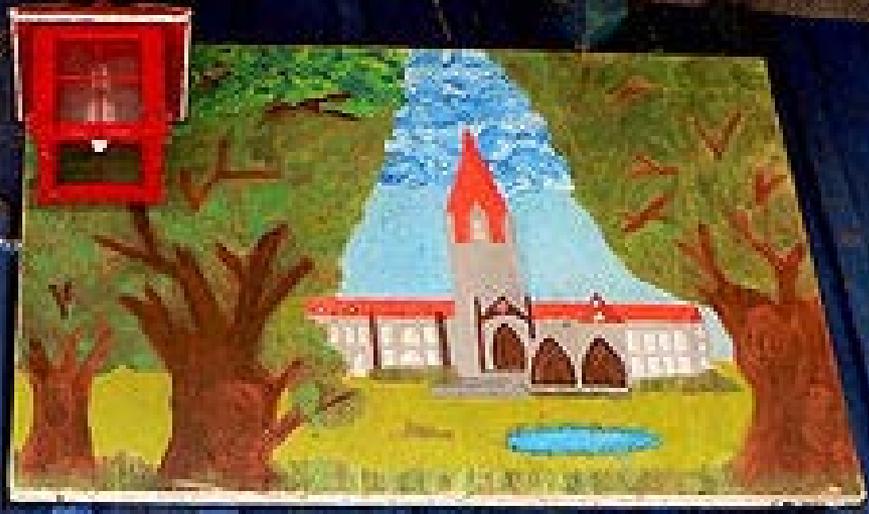
No Vale do Tejo, a poucos quilómetros da vila de Azambuja, fica situada a **Praia Fluvial** conhecida como Casa Branca, um local privilegiado de contacto com o RIO e excelente para actividades desportivas e de lazer.



Também no vale do Tejo existe a **Aldeia Avieira do Lezirão**.

No início do século XX, a fome fez sair os pescadores da Praia da Vieira, no concelho da Marinha Grande, em busca do sustento durante o Inverno. Subiram o RIO TEJO e encontraram esta zona repleta de peixe. Primeiro, vinham aqui apenas sazonalmente, permanecendo nos seus barcos. Mais tarde, fixaram-se nesta região com as suas famílias, tendo trocado definitivamente a pesca marítima pela fluvial. Os donos das **terras da borda d'Água** (era assim que se chamava ao Ribatejo) autorizaram-nos a estabelecer-se nas margens do Tejo, tendo estes começado a construir aqui as primeiras barracas de madeira em cima de estacas (palafitas), cobrindo-as com palhas de caniço. As estacas que já usavam nas dunas junto ao mar, serviam-lhes agora para impedir que as cheias do rio atingissem as suas casas. Chamaram a esse povo os “Avieiros” ou “ciganos do rio”.

O escritor português Alves Redol fixou-se, durante alguns meses, nesta região, tendo aí recolhido elementos para o seu conhecido romance *Avieiros* .



Lezirão

Lezirão



Lezirão



Barco Avieiro



Pode fazer-se um passeio turístico num Barco Avieiro, pela Rota dos Mouchões, visitando as margens do Tejo e as Lezírias.

Fizemos este estudo porque pensamos que, para se respeitar os locais e o património, é preciso conhecê-los bem.

A Vala do Tejo tem sido muito desprezada talvez porque **as pessoas não sabem a sua história e, por isso, não lhe dão muito valor.**

Serve este trabalho para **dar a conhecer a história deste nosso pedacinho do Tejo**, para que todos tomem consciência do preço alto que se paga por não tomarmos conta do que a natureza nos dá, em troca de nada.

As imagens que vamos mostrar em seguida **entristecem-nos muito e esperamos que vos entristeçam também**, porque será sinal de que conseguimos chamar a vossa atenção para o nosso **pedacinho do Tejo**... e que já começam a gostar dele como nós gostamos.

A Vala Real



Cais do Esteiro situado junto a estação do comboio de Azambuja é onde termina a Vala do Esteiro que faz a ligação entre a Vila e a Vala Real.

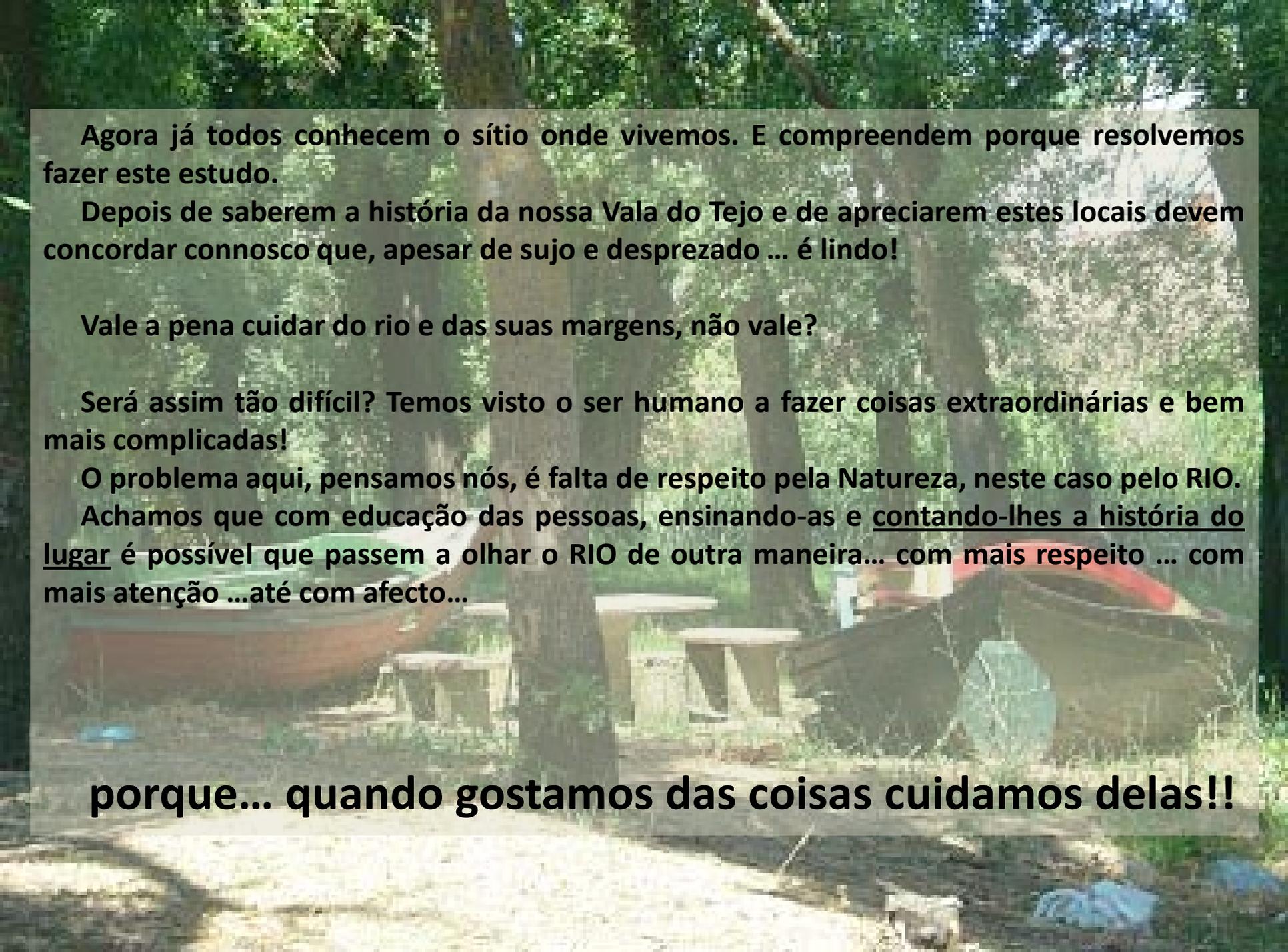


Esteiro, onde a Vala Real se encontra com a vila onde moramos.





O Palácio, que se encontra em tal estado que temos medo de lá entrar, pois pode ruir.

The background image shows a lush green forest with tall trees. In the foreground, there is a river or stream. A large, dark-colored tent is pitched on the right side of the river. The scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

Agora já todos conhecem o sítio onde vivemos. E compreendem porque resolvemos fazer este estudo.

Depois de saberem a história da nossa Vala do Tejo e de apreciarem estes locais devem concordar connosco que, apesar de sujo e desprezado ... é lindo!

Vale a pena cuidar do rio e das suas margens, não vale?

Será assim tão difícil? Temos visto o ser humano a fazer coisas extraordinárias e bem mais complicadas!

O problema aqui, pensamos nós, é falta de respeito pela Natureza, neste caso pelo RIO. Achamos que com educação das pessoas, ensinando-as e contando-lhes a história do lugar é possível que passem a olhar o RIO de outra maneira... com mais respeito ... com mais atenção ...até com afecto...

porque... quando gostamos das coisas cuidamos delas!!

As nossas sugestões...

Limpeza da Vala Real e das margens:

para podermos nadar (piscina natural), pescar e passear de barco.

Limpeza dos caminhos e do mato:

para podermos passear a pé e praticar desporto.

para fazermos piqueniques à sombra das árvores e ao pé da água.

Construção de uma ciclovia desde o Esteiro até ao Palácio:

para podermos andar em segurança, afastados dos automóveis.

Recuperação do Palácio da Rainha, transformando-o num albergue de juventude , numa estalagem (como já foi) ou numa estrutura de apoio a actividades desportivas no rio.

Reconstrução do cais do Palácio para receber as embarcações de passeio.

Limpeza da Alameda das Palmeiras.

Limpeza da Praia do Tejo criando um serviço de barcos que façam o transporte das pessoas para as ilhas de areia do Tejo (mouchões).

Manutenção dos espaços e protecção contra o vandalismo.

Esperamos que este trabalho contribua de alguma forma para melhorar as condições da Vala Real, tendo em conta algumas das nossas sugestões.